



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS CONFERIDAS POR GAYS E HSH'S EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTOS: DIRECIONAMENTOS EM EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS GIVEN BY GAYS AND MSMs ON DATING APPS: DIRECTIONS IN HEALTH EDUCATION

REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE INFECCIONES DE TRANSMISIÓN SEXUAL, DADAS POR GAYS Y HSHs EN APLICACIONES DE CITAS: DIRECCIONAMIENTOS EN EDUCACIÓN PARA LA SALUD

Felipe Fontana* , Carlos Alberto de Oliveira Magalhães Júnior** ,
Suelen de Gaspi***

Cómo citar este artículo: Fontana, F., Magalhães Júnior, C.A.O., Gaspi, S. (2024). Representações sociais sobre IST's conferidas por gays e HSH's em aplicativos de relacionamentos: direcionamentos em educação para a saúde. *Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias*, 19(2), 339-357. <https://doi.org/10.14483/23464712.19779>

Resumo

Este estudo sintetiza os resultados de uma pesquisa interessada na compreensão das representações sociais correlacionadas às infecções sexualmente transmissíveis (IST's) conservadas por gays, bissexuais masculinos e homens que fazem sexo com homens (HSH's) em meio a determinados aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais. Para isso, construímos uma metodologia vinculada à análise de conteúdo conexa às falas/produções textuais angariadas em meio às redes sociais que estudamos. Nesse sentido, elegemos o conceito de hipertexto como subsídio teórico capaz de otimizar a utilização da técnica de análise de conteúdo junto das averiguações que empreendemos nos prints que angariados no levantamento dos insumos empíricos dessa pesquisa. Em seguida, desenvolvemos um referencial bibliográfico essencial à execução de nossas análises; dentre os seis (6) eixos analisados nessa pesquisa bibliográficas, destacam-se: a) a teoria das representações sociais; 2) os aplicativos de relacionamento e encontro sexuais; 3) e o panorama das IST's no Brasil. Diante disso, constituímos doze (12) categorias de representações sociais em IST's veiculadas em aplicativos como o Hornet e o Grindr. Estas, por sua vez, são pormenorizadas, interpretadas e explicadas de acordo com o referencial teórico que edificamos. Além disso, elas podem servir de indicativos/indicadores estratégicos para a forja de atividades educacionais afetas à promoção de saúde sexual de modo mais eficiente e qualificado (combate às IST's no Brasil).

Palavras chave: Senso Comum. APPs. LGBTQI+. Práticas Sexuais. Doenças.

Recibido: 8 de agosto de 2022; aprobado: 29 de mayo de 2024

* Doutor em Ciência Política. Universidade Estadual de Maringá. Brasil. buthjaum@gmail.com

* Doutor em Ciências. Universidade Estadual de Maringá. Brasil. juniormagalhaes@hotmail.com

* Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática. Instituto Federal do Paraná. Brasil. suelen.gaspi@ifpr.edu.br

Abstract

This study report summarizes the results of research interested in understanding the social representations correlated to sexually transmitted infections maintained by gay men, bisexual men and MSM's in sexual dating and dating apps. For this, we built a methodology linked to the content analysis related to the statements and textual productions raised with our research. Thus, we chose the concept of hypertext as a theoretical subsidy capable of optimizing the use of the content analysis technique with the investigations that we undertake in the prints that were raised in the survey of the empirical inputs of this research. Next, we developed a bibliographic referential essential to the execution of our analyses; among the six (6) axes analyzed in this bibliographic research, we highlight: a) the theory of social representations; 2) the sexual relationship and encounter applications; 3) and the panorama of STIs in Brazil. In view of this, we have constituted twelve (12) categories of social representations of STIs in applications such as Hornet and Grindr. These, in turn, are detailed, interpreted and explained according to the theoretical referential we have built. Furthermore, they may serve as strategic indicatives/indicators for the forging of educational activities related to the promotion of sexual health in a more efficient and qualified way (combating STIs in Brazil).

Keywords: Common sense. APPs. LGBTQI+. Sexual Practices. Diseases.

Resumen

Este estudio resume los resultados de una investigación interesada en comprender las representaciones sociales correlativas a las infecciones de transmisión sexual (ITS) que mantienen los hombres homosexuales, los hombres bisexuales y los hombres que tienen sexo con hombres (HSH) en medio de ciertas aplicaciones de citas y encuentros sexuales. Para ello, construimos una metodología vinculada al análisis de contenido conectado a los discursos/producciones textuales recogidos en el seno de las redes sociales que estudiamos. En este sentido, elegimos el concepto de hipertexto como un subsidio teórico capaz de optimizar el uso de la técnica de análisis de contenido a lo largo de los hallazgos que emprendemos en las impresiones que recogimos en el levantamiento de insumos empíricos de esta investigación. A continuación, desarrollamos un referencial bibliográfico esencial para la ejecución de nuestros análisis; entre los seis (6) ejes analizados en esta investigación bibliográfica, destacamos: a) la teoría de las representaciones sociales; 2) las aplicaciones de las relaciones y encuentros sexuales; 3) y el panorama de las ITS en Brasil. A la luz de esto, hemos establecido doce (12) categorías de representaciones sociales de las ITS difundidas en aplicaciones como Hornet y Grindr. Estos, a su vez, se detallan, interpretan y explican según el marco teórico que hemos construido. Además, pueden servir como indicativos/indicadores estratégicos para forjar actividades educativas relacionadas con la promoción de la salud sexual de forma más eficiente y cualificada (lucha contra las ITS en Brasil).

Palabras clave: Sentido común. APPs. LGBTQI+. Prácticas sexuales. Enfermedades.

1. Introdução

As dinâmicas sexuais na contemporaneidade possuem uma imensa variabilidade e recorrer ao estudo dos aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais utilizados por homossexuais masculinos/gays e homens que fazem sexo com homens (HSH's) representa um recorte neste amplo espectro. Contudo, este retalho é demasiadamente significativo e sua investigação vai ao encontro: 1) de um problema social latente e atual, qual seja, a crescente situação de vulnerabilidade e exposição articulada à transmissão e à contaminação de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) entre gays e HSH's (principais usuários destes aplicativos); 2) das novas formas interacionais, comunicacionais e de alteridade constituídas pelo uso de aplicativos e celulares de modo extensivo na atualidade. Intercursos sexuais dos mais variados tipos e preferências; rompimento de barreiras linguísticas; aproximações geográficas detectáveis; facilitações das mais diversas espécies (como a obtenção e eleição de locais para a feitura de sexo); conformidade de perfis/individualidades; e confluências de interesses pessoais e sexuais são dimensões muito convidativas que estes aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais oferecem para pessoas interessadas em estabelecer afetividades, ou então, estritamente, relações sexuais mais fortuitas.

O grande problema que se instaura em relação a esta ferramenta, assim como de demais adventos científico-tecnológicos contemporâneos, liga-se ao fato de que, muitas vezes, o seu emprego corrente na vida cotidiana não vem acompanhado de um processo educacional que suporte à sua utilização responsável, crítica e consciente. Em nosso caso, quando o uso destes aplicativos não está escoltado em uma Educação Sexual eficiente que, por sua vez, resguarde a capacidade de romper com as representações sociais circunscritas aos riscos atrelados ao exercício da sexualidade humana, acabamos por aprofundar um estado desfavorável que, se não for compreendido/estudado/

pesquisado, pode adensar um problema social e de saúde pública: a disseminação desenfreada de IST's. Nesse diapasão é que se faz necessária a realização de pesquisas científico-acadêmicas, tal qual a que empreendemos entre outubro de 2019 e dezembro de 2020.

De modo geral, este estudo engendrará a análise teórico-bibliográfica de determinados eixos temáticos que interpelam/convergem com os objetivos aqui perseguidos, de compreender as especificidades das representações sociais acerca de IST's resguardadas por homossexuais masculinos/gays e HSH's em aplicativos de relacionamento para construir estratégias educacionais que auxiliem no processo de mitigação da transmissão e da contaminação de infecções sexualmente transmissíveis na contemporaneidade.

2. Aspectos Teóricos: IST's, Representações Sociais, Aplicativos de Relacionamento – Possibilidades de Articulações Teórico-Conceituais

Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2020a), especificamente o Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, as Infecções Sexualmente Transmissíveis são causadas por vírus, bactérias e/ou outros microrganismos que podem acometer o corpo humano. Elas são transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, peniano e anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada (portadora da infecção). A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, no parto ou na amamentação. O tratamento das pessoas com IST melhora a qualidade de vida e interrompe a cadeia de transmissão dessas infecções. O atendimento e o tratamento são gratuitos nos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS) (Brasil, 2019a). Sabemos que a terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) passa a ser

adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) com a intenção de destacar “a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas” (Brasil, 2019a, para. 4).

As IST's podem se manifestar por meio de feridas, corrimentos ou verrugas anogenitais. São alguns exemplos de IST's: herpes genital, sífilis, gonorreia, infecção pelo HIV, infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), hepatites virais A, B, C e D. A IST aparece, principalmente, no órgão genital, mas pode surgir também em outras partes do corpo (como por exemplo: palma das mãos, olhos, língua, lábios, mucosa bucal, mucosa nasal, nariz, virilhas, nádegas, ânus e tórax). Sendo assim, constantemente o corpo deve ser observado durante a higiene pessoal, ajudando na identificação de uma IST em seu estágio inicial. Por isso, se faz necessário a veiculação de informações importantes sobre as formas de contágio, o risco de infecção, a necessidade de atendimento em uma unidade de saúde, as medidas de prevenção e tratamento (Brasil, 2019a).

Desta forma, vemos que “ação notificadora” é extremamente complexa de ser feita por usuários de aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais, justamente porque, na maioria das vezes: 1) a rotatividade de parceiros é muita alta/intensa e não há, por conta de uma constante exigência de anonimato e discrição, o estabelecimento de vínculos comunicacionais e interacionais após a realização de intercursos sexuais (fato que se adensa entre os HSH's, como veremos) e; 2) o estigma circunscrito aos portadores de IST's leva muitos infectados a recorrerem ao sigilo e ao silêncio acerca de suas condições como estratégia de manutenção de suas existências em uma sociedade amplamente preconceituosa com relação aos acometidos por IST's (Goffman, 1988).

Obviamente, parte deste preconceito endemicamente disperso em nossa sociedade ancora-se em representações sociais

problemáticas acerca das IST's, o que vale dizer que o rompimento com relação a elas, por meio de ações educacionais que auxiliam efetivamente na promoção da saúde sexual, subsidia tanto um processo de prevenção, quanto mecanismos de inserção social, de tratamento, de reabilitação e de solidariedade para com pessoas acometidas por infecções sexualmente transmissíveis.

A prevenção e a não contaminação atingem percentuais elevados de segurança apenas com a utilização de preservativos (nos sexos orais, anais, penianos e vaginais) de modo articulado a outros métodos preventivos, tais como testagem frequente, educação sexual e imunização para HPV e hepatite B (Brasil, 2019b).

Essas informações que acabamos de elencar tratam de uma visão científica, portanto metodicamente atestada, acerca das infecções sexualmente transmissíveis. Visão esta que deveria ser subjacente a uma educação sexual promotora de saúde, forjadora de sujeitos críticos e conscientes acerca dos riscos de realizarmos atividades/práticas sexuais sem o uso de preservativos e sem a utilização de outros métodos preventivos. Entender como visões rasas sobre as IST's são construídas socialmente é um objeto de pesquisa interessante, mas não o circunscrito a esta pesquisa. No entanto, identificar as representações sociais que subvertem essa visão perito-científica que acabamos de descrever compreende a parte mais significativa do escopo deste trabalho. Mas qual conjunto de saberes pode auxiliar nesse processo de identificação de percepções sociais deficitárias que comprometem a veiculação de concepções científicas sobre as infecções sexualmente transmissíveis? Ora, as teorias veiculadas à noção de Representações Sociais podem, em grande medida, auxiliar nesse processo e é em relação a elas que voltaremos, agora, a nossa atenção.

De acordo com Moscovici (1978, p.28), observamos que as representações sociais configuram: “um corpus organizado de conhecimentos e uma das

atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação". Tendo uma função convencional e prescritiva, as Representações Sociais facilitam a comunicação e norteiam condutas, otimizando a construção de uma identidade grupal, se apresentando como teorias do senso comum (Moscovici, 2003). Ainda segundo este autor, estas ao serem apresentadas sobre determinado objeto são produtos da sociedade em que vivemos e não de um modo de pensar único, mas sim uma construção social, na qual diferentes grupos sociais podem apresentar distintas representações sociais sobre um mesmo objeto (Moscovici, 2003).

Podemos afirmar que a Teoria das Representações Sociais tem como pressuposto as teorias do senso comum que procuram compreender como o conhecimento se estrutura por intermédio da comunicação informal entre os indivíduos de um grupo social. Esta forma de saber tem sua gênese nas práticas sociais e nas diversidades grupais, constituindo-se de uma linguagem própria e de uma natureza cujos princípios são norteados pelos valores e conceitos coletivos sobre o real (Alves-Mazzotti, 2008; Gaspi et al., 2020; Oliveira & Werba, 2013). Estas discussões levam-nos a dimensionar a interligação entre as representações sociais e as ações cotidianas que, em distintas esferas e situações, os sujeitos realizam rotineiramente. Afinal, a maneira como representamos determinados objetos e situações ordinárias interpela e delimita o modo como agimos sobre eles. Ora, o problema que se instaura vincula-se ao fato de que muitas de nossas práticas sociais podem estar ancoradas em percepções deficitárias (representações sociais circunscritas univocamente ao senso comum) que podem adensar situações problemáticas e desfavoráveis. Esse é o caso, propriamente, de práticas sexuais que ignoram, ou ressignificam, o conjunto de conhecimentos científicos/peritos atrelados as IST's.

No nosso caso, os homossexuais masculinos e o HSH's que, atualmente e em meio aos aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais, passam a construir e ressignificar representações sociais acerca das IST's que subvertem ou modificam a própria aceção científica conservada sobre elas. Além disso, temos o fato de que as representações sociais são veiculadas por determinados linguagens e por meio de dados veículos comunicacionais. Em nosso caso, a linguagem é a escrita e os veículos comunicacionais são, materialmente falando: 1) os smartphones e os tablets utilizados pelos usuários; 2) os aplicativos instalados nesses recursos que, por sua vez, constroem as interações entre os usufrutuários.

Por fim, devemos destacar que é a busca de reorientação deste quadro deficitário acometido pela veiculação de representações sociais acerca de IST's em meio aos aplicativos de relacionamento e encontros sexuais – mediada pela identificação de tais teorias do senso comum e a delimitação indicadores para a forja de estratégias educacionais promotoras de saúde – que incentiva o desenvolvimento desta pesquisa.

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação TICs, a interface das redes sociais, a popularização da internet, o uso massificado de aparelhos celulares e a ampla utilização de aplicativos móveis expandiram as possibilidades de conexão entre sujeitos desconhecidos que almejam diversos objetivos: o estabelecimento de relacionamentos afetivos e sexuais – densos ou fortuitos, duradouros ou esporádicos, intensos ou leves, comprometidos ou descompromissados etc. – são parte destes desígnios (Corrêa & Amaro, 2012; Gehrke, 2002). Assim, os aplicativos de relacionamento e encontro sexuais são espaços privilegiados para a construção de interações e práticas sexuais entre homossexuais masculinos/gays, bissexuais masculinos e HSH's. Tais aplicativos são ancorados a serviços de geolocalização conferidos pelo Sistema de Posicionamento Global o (GPS), funcionado segundo a proximidade existente

entre seus usuários, por exemplo, dois usuários do Grindr localizados no mesmo prédio ou na mesma rua aparecerão, no aplicativo, em situação de proximidade medida em metros ou quilômetros (Corrêa & Amaro, 2012; Gehrke, 2002).

Os aplicativos de relacionamento e encontros sexuais (ou aplicativos de paquera, como passaram a ser conhecidos) são redes sociais que intermediam a busca de perfis/indivíduos com os quais se resguarde afinidades e seja possível estabelecer uma relação afetiva ou estritamente sexual. Tais APP's engendram interações em tempo real, facilidade de uso, mobilidade do acesso e comodidade na procura. Estes softwares se diferenciam de outros espaços virtuais restritos à busca de relacionamento pela viabilidade conferida aos seus usuários no que concerne à procura, ao flerte, à paquera e ao encontro de outros usuários/prestadores em qualquer horário ou localização do globo terrestre (Corrêa & Amaro, 2012; Gehrke, 2002).

Mesmo que virtual, este é um espaço novo de sociabilidade que, por excelência, promove a elaboração de representações e práticas sociais limitadas aos grupos que ali se fazem mais presentes: gays, bissexuais masculinos e HSH's. Nesse caso, é um ambiente social construtor de representações e práticas sociais vinculadas à sexualidade humana e às formas/expressões sexuais empreendidas por gays, bissexuais masculinos e HSH's. É nesse ambiente amplamente contemporâneo que temos a construção, a resignificação e, até mesmo, a subversão de conhecimentos, saberes e conceitos científicos ligados às infecções sexualmente transmissíveis (elemento constitutivo das mais variadas discussões acerca da sexualidade humana e das práticas sexuais desempenhadas na atualidade). Para nós, é nessa direção que podemos vislumbrar a necessidade e a legitimidade de estudarmos as representações sociais ligadas às infecções sexualmente transmissíveis inscritas nesses APP's de relacionamento.

3. Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa resguarda especificidades que são latentes quando pensamos no processo de construção de estratégias metodológicas para melhor desenvolvê-la. Sendo assim, de caráter qualitativo e exploratório, empreenderemos uma metodologia mista capaz de instrumentalizar a execução de nossas atividades. Por sua vez, ela pode ser segmentada em três etapas: 1) reunião das fontes desta pesquisa e; 2) identificação, categorização e análise dos materiais angariados.

Para tanto, o primeiro desafio metodológico interposto nesta investigação esteve vinculado à reunião das fontes/materiais/subsídios de nossa pesquisa. Ou seja, como coletamos as representações sociais acerca de IST's veiculadas pelos usuários destes aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais? Primeiramente, devemos esclarecer que fizemos o download dos aplicativos denominados de Hornet Gay Social Network e Grindr, os mais populares entre os brasileiros segundo a APP Store – Apple (BR) e o Google Play Stores (BR) (mais acessados/ baixados/utilizados). Em seguida, construímos um perfil com identidade anônima e, a partir dele, buscamos estabelecer diálogos com os usuários ali inscritos de maneira mais próxima as nossas mediações geográficas (método de funcionamento destes aplicativos, tal como descreveremos).

O anonimato, neste caso, foi de fundamental importância pois auxiliou no processo de arregimentar um conjunto de respostas mais verossímeis, desarmadas e sinceras (lembrando que a maioria dos usuários destes aplicativos também estão em posição anônima, sendo menos frequente a exposição facial e a utilização dos nomes verdadeiros). Em nossos diálogos, tentamos identificar as representações sociais dos usuários: 1) sugerindo a realização de encontros sexuais sem o uso de preservativos; 2) adensado diálogos sugestivos no que tange à não

utilização de preservativos; 3) e, na medida do possível, construindo conversas, interatividades, aproximações e indagações capazes de conduzir o levantamento de representações sociais ligadas às infecções sexualmente transmissíveis. Tais procedimentos não podem ser considerados entrevistas, sob o risco de comermos um deslize científico-acadêmico e isso ressalta o caráter amplamente exploratório de nosso trabalho. Por fim, os resultados de tais diálogos estão aqui registrados na forma prints (cópias digitais da tela do aparelho celular usado que minuta, por sua vez, o diálogo que foi estabelecido entre as partes) e constituem os subsídios angariados e usados para a feitura de nosso estudo.

Por isso, para a execução dessa pesquisa foi necessário arregimentar orientações metodológicas para lidar com a análise de prints, afinal, esses são constructos subsidiários desta investigação imersos em contemporâneos processos restritos às TICs que, por mais que possam ser convertidos em textos e conseqüentemente investigados segundo a técnica de análise de conteúdo, resguardam especificidades latentes e é sobre elas que trataremos aqui (Scheunemann & Lopes, 2018). Mas antes disso, vale indagar: qual o conceito vinculado às discussões atuais afetas às TIC's que podem ajudar na interpelação dos prints enquanto subsídios necessários à realização de nossa pesquisa? Bom, começamos então discutindo sobre o que é um hipertexto para, deste modo, responder tal inquietação.

A noção de hipertexto articula-se às TIC's e coaduna-se com diferentes formas e estratégias da escrita eletrônica. Nessa perspectiva, o hipertexto vincula-se a presença de um texto dentro de outro texto, constituindo assim, redes informacionais interativas. Esse processo passa a complexificar qualquer tipo de análise, pois requer níveis complexos de interpretação, afinal, não se analisa um texto, mas, na verdade, textos articulados/concatenados (Neves, 2010). Nessa direção, a

grande distinção de um hipertexto está nas formas de escrita e de leitura subjacentes a ele.

Um exemplo latente de hipertexto são os artigos intrínsecos aos sites e plataformas imersos na internet, afinal, em seus corpos são apresentados/veiculados múltiplos links e/ou hiperlinks. Isso permite aos leitores uma posição mais "ativa" diante da leitura, elegendo assim, as informações que quer consumir/acessar (nos aplicativos que estudamos, quem cumpre a função dos links e hiperlinks são as hashtags e, mais adiante, veremos como elas funcionam) (Scheunemann & Lopes, 2018).

A leitura vinculada aos hipertextos e às hipermídias são edificadas/desenvolvidas em uma modelagem associativa, ou seja, por agregações (Scheunemann & Lopes, 2018). O hipertexto pode ser compreendido como uma intertextualidade que, como é sabido, é um recurso linguístico que relaciona/converge, no mínimo, duas produções textuais. Somados aos hipertextos existem outras formas de intertextualidade, são elas: paródia, paráfrase, epígrafe, alusão, pastiche, tradução e bricolagem (Neves, 2010).

Nessa direção, a noção de hipertextualidade determina a relação estabelecida/consolidada, em um contexto de intertextualidade, entre distintos hipertextos. Um dos elementos que se encontra dentro dos aplicativos pesquisados – conseqüentemente, no interior dos prints que analisaremos – que está amplamente conectado com a noção de hipertextualidade são os emojis. Eles são lócus informacionais em si mesmos, ou então, trazem variadas informações a partir da união/encadeamento deles. A inclusão de um ou vários emojis em uma conversa pode determinar, representacionalmente e interpretativamente, elementos informacionais complexos (Scheunemann & Lopes, 2018).

Em nosso caso, certas representações sociais podem ser fornecidas e estar circunscritas na

forma de emojis. Por exemplo: o que dizer das representações sociais vinculadas a determinadas práticas sexuais intrínsecas aos emojis, sequenciados ou não no Quadro 1? Imagine que elas foram transmitidas em meio aos aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais que estamos estudando.

Muitas vezes, os emojis são usados para agregar a expressividades, significados, nivelações e emoções às palavras empregadas em um texto. Outras vezes, são usados para substituir mensagens curtas. Ao serem associadas, como vimos no Quadro 1, podem transmitir mensagens complexas e que requerem do leitor grande interpretação. Como é possível apreender no quadro acima, os emojis podem, hipertextualmente, conduzir a um conjunto de informações e representações sociais que precisa ser decodificado e transformado em produções textuais, permitindo assim, nesta pesquisa, a realização de análises mais apropriadas e coadunadas com os objetivos deste estudo. Por ser uma imagem, ilustração e/ou figura inseridos em um texto/conversa, os emojis articulam-se de modo ambivalente tanto com aquilo que Theodor Holm Nelson chamou de hipermídia, quanto com aquilo que ele classificou de hipertexto. Conceitualmente, os emojis são representações gráficas empregadas em conversas muitas vezes empreendidas de maneira online (redes sociais e em aplicativos, tal como o WhatsApp, Messenger e/ou, no nosso caso, Grindr/Hornet).

Outro elemento afeto a dimensão hipertextual ligada aos prints que analisaremos são as hashtags (simbolicamente dadas pela representação denominada de cerquilha: "#"). Segundo o Dicionário de Oxford, a hashtag é definida como "uma palavra ou frase precedida por um símbolo de cerquilha (#), utilizada em sites de mídias sociais e aplicativos, especialmente no Twitter, para identificar mensagens sobre um tópico específico" (Oxford, 2024, para. 1). Sendo assim, quando a combinação entre a cerquilha e a palavra é publicada (por exemplo, #representaçõessociais),

Quadro 1. Emojis – Exemplos Interpretativos.

Emojis sequenciados ou não	Questionamento	Possíveis interpretações das representações sociais vinculadas a determinadas práticas sexuais intrínsecas aos emojis sequenciados ou não
👉💧😬 = (mamadeira, gotas d'água e emoji com a boca aberta).	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por esta sequência de emojis veiculada em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Pode ejacular na minha boca"; 2. "Gosto que engolir esperma".
👉💧🍓 = (beringela, gotas d'água e pêsego).	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por esta sequência de emojis veiculada em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Pode ejacular dentro do meu anus"; 2. "Pode ejacular nas minhas nádegas".
🍓🍓😬 = (pêssego, beringela e emoji com o rosto feliz).	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por esta sequência de emojis veiculada em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Pênis grandes me satisfazem"; 2. "Pênis grandes são preferidos por mim".
🍓🍓😞 = (pêssego, beringela e emoji com rosto triste).	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por esta sequência de emojis veiculada em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Pênis grandes não me satisfazem"; 2. "Pênis grandes não são meus preferidos"; 3. "Pênis grandes me machucam".
🍓🍓😬 = (pêssego, beringela e emoji com rosto de incerteza).	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por esta sequência de emojis veiculada em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Será que sou capaz de aguentar um pênis tão grande durante o ato sexual".
😈 = (emoji com rosto de demônio, ou então, na linguagem mais popular, capetinha).	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por este emoji veiculado em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Estou com muita vontade de fazer sexo"; 2. "Disposto a fazer sexo"; 3. "Querendo sexo"; 4. "Libido alta, portanto, com muita vontade e disposição para sexo".
👌👌 = (representação de fezes e um símbolo de "ok").	Qual a mensagem e/ou representação social – vinculadas à execução de uma prática sexual – que está sendo transmitida por esta sequência de emojis veiculada em um aplicativo de relacionamento e encontros sexuais?	1. "Prefiro fazer sexo com pessoas que fazem lavagem intestinal (popularmente, "xuca")"; 2. "A lavagem intestinal/xuca já foi feita, sendo assim, estou pronto para o sexo".

Fonte: Os autores.

cria-se um hiperlink que conduz para uma página detentora de outras publicações conexas à mesma temática que foi indexado.

Se um usuário dos aplicativos que estamos analisando publicarem em seu perfil ou em uma conversa conosco a hashtag “#sexoseguro” saberemos que a sua preferência, em termos de segurança sexual, atrela-se ao uso de preservativos; ou então, se ele publica a hashtag “#barebacking” compreenderemos que ele é adepto a práticas sexuais sem o uso de preservativos (Scheunemann & Lopes, 2018). A diferenciação do uso de hashtags não é somente a marcação de uma identidade, predisposição, preferência, característica, interesse, vontade, ou então, intenção. A distinção está na capacidade de reunião de indivíduos de acordo com um desses elementos supracitados (Neves, 2010).

De modo geral, esses são dos desafios ligados à análise dos prints convergentes com as especificidades de nossa pesquisa. Trabalhar com hipertextos, hiper mídias, emojis e hashtags no sentido de convertê-los, interpretativamente, em textos aptos de serem averiguados segundo uma análise de conteúdo constitui como uma das finalidades da metodologia aqui estipulada. Trataremos a seguir da técnica de análise de conteúdo, tão cara à execução de nossas incursões analíticas interpostas aos textos arregimentados.

3.1. Análise de Conteúdo

Após o angariamento destes materiais, partimos para a análise deles, o que conforma um outro desafio metodológico deste trabalho. De modo geral, a análise de conteúdo pode se configurar como uma estratégia metodológica capaz de dar o suporte à identificação e à categorização das representações sociais identificadas por nós. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo consiste em um processo intelectual que identifica informações ou, em outras palavras, mensagens consideradas relevantes. Após essa identificação,

é indispensável a construção de categorias analíticas capazes de facilitar a interpretação e a compreensão do texto de modo a revelar o que está implícito. Em termos analíticos, a análise de conteúdo organiza-se em três polos cronológicos conforme Bardin (2011): Pré-análise; Exploração do Material e; Tratamento dos Resultados.

Na Pré-análise, fizemos uma leitura panorâmica/flutuante do material coletado escolhendo à priori os prints/documentos nos quais as representações sociais correlacionadas à temática desta pesquisa se apresentavam de forma fecunda as suas futuras análises. Diante disso, selecionamos e utilizamos 23,31% daquilo que, preliminarmente, foi coletado. Com isso, tivemos a possibilidade de edificar um corpus – ou preparar um material – baseado na representatividade, homogeneidade e pertinência conexas aos objetivos de nosso trabalho.

Já na Exploração do Material, operacionalizamos a codificação e a categorização dele. Assim, angariamos nossas unidades de registro e unidades de contexto que correspondiam a termos, palavras, expressões e/ou emojis tematicamente afetos ao estudo. Ainda nessa etapa, estabelecemos a enumeração considerando os critérios temáticos estabelecidos (presença ou frequência simples, observáveis em nossa “Tabela 1”). Por fim, constituímos nossas doze (12) categorizações.

No Tratamento dos Resultados, inferimos interpretações controlados objetivando o entendimento da mensagem e a significação dos códigos veiculados a nós (receptores), pelos usuários dos aplicativos (emissor) em meio aos APP's pesquisados (veículo/médium); ou seja, a compreensão e a significação das representações sociais implícitas coadunadas à temática da pesquisa veiculados de modo determinado pelos seus produtores, receptores e canais de transmissão. Após a feitura das etapas descritas, partimos de modo mais consistente para a análise de seus resultados, apresentado no item abaixo.

4. Resultados e Discussão

O material levantado por nós em meio as nossas incursões de pesquisa juntos aos aplicativos de relacionamentos e encontros sexuais é composto por duzentos e trinta e seis (236) diálogos printados (prints). Neles, é possível encontrar interações que, de forma anônima – de ambas as partes – sugerem a realização de práticas sexuais arriscadas ou sem o uso de preservativos. Por se tratar de um ambiente destinado quase que exclusivamente à facilitação e à expressão da sexualidade existem, em meio as conversas edificadas, muitas palavras de baixo calão, “gírias sexuais” e expressões chulas.

Esses prints, organizados desigualmente, registram cinquenta e cinco (55) conversas/diálogos que, por sua vez, foram empreendidos em diferentes lugares do Brasil e do Mundo. No entanto, aqui devemos fazer uma ressalva: não faremos nossa análise segundo regionalizações. Ou seja, não haverá cruzamentos entre as categorias estabelecidas pela análise de conteúdo e a localização dos dados angariados. As motivações para isso vinculam-se: 1) a impossibilidade de, em todos os diálogos registrados, determinar a localização do informante e do entrevistador; 2) a baixa representatividade amostral apta a constituir comparações regionais representativas (por vezes há, por exemplo, uma única conversa realizada em Recife-PE e vinte na cidade de Maringá-PR, lócus de realização desta pesquisa).

Uma outra característica dos materiais que levantamos atrela-se ao pertencimento profissional dos entrevistados. Em algumas oportunidades foi possível trazer à tona essa informação por conta da dinâmica fluida e “tranquila” circunscrita à conversa estabelecida. Contudo, nem todos os entrevistados sentiam-se à vontade para responder sobre essa temática ou, até mesmo, os diálogos eram tão estritamente sexuais que nem abertura para esse tipo de inquirição tínhamos (dinâmica do anonimato, da discrição e do sigilo, já explicadas

em nosso referencial teórico e metodologia, largamente operante nos aplicativos de encontros sexuais e relacionamentos). Sendo assim, o pertencimento profissional também não foi ser empregado nesta pesquisa como uma variável inter cruzada capaz de adensar as análises por nós edificadas. No entanto, de maneira analiticamente exploratório, é interessante realizarmos algumas ressalvas sobre essa temática.

Em meios aos cinquenta e cinco (55) diálogos estabelecidos, quatro informantes afirmaram serem profissionais da área amplamente correlacionados com à Saúde e/ou às Ciências Médicas: nutricionista, dentista, médico e biólogo. De modo mais problemático – como é possível verificar em nossas análises, tais informantes conservaram/veicularam representações sociais de risco vinculadas às IST's. Certamente, isso interpõe a nós, pesquisadores dessa temática e preocupados com a construção de indicadores afetos à promoção de uma educação para a saúde mais eficiente, determinados dilemas: Se tais agentes veiculam ideais deficitárias, o que dizer dos cidadãos comuns que não passaram pela formação que eles resguardam?

4.1. Análise Resultados da Pesquisa

Analisando este universo de cinquenta e cinco (55) diálogos printados e de oitenta e duas (82) conversas redistribuídas segunda a potencialidade delas na veiculação de determinadas representações sociais, nós, tal como a análise de conteúdo indica, construímos doze (12) categorias capazes de sintetizar as principais representações sociais ligadas às IST's circunscritas aos aplicativos de relacionamento e encontros sexuais que pesquisamos.

Sendo assim, nesta seção: 1) classificaremos as categorias de acordo com a sua maior incidência representacional, ou seja, considerando, comparativamente, a maior ou menor veiculação de uma dada representação social; 2) apresentaremos

a categoria que edificamos; 3) explicaremos segundo nossa interpretação, as especificidades destas categorias; 4) e, finalmente, traremos um ou dois exemplos (prints ou diálogos destacados/reproduzidos) para dar maior subsídios à análise interposta. Começamos, então, com a classificação das categorias que, por sua vez, pode ser vista na Tabela 1, abaixo disposta:

Nossa classificação, para ter a sua incidência determinada, pautou-se no número de vezes que uma determinada representação social foi veiculada dentro do nosso universo pesquisado (55 diálogos que, ao serem analisados, se converteram em 82 conversas veiculadoras de uma ou mais representações sociais que se distanciam do universo reificado em IST's).

Deste modo, as representações sociais mais empregadas pelos participantes atrelam-se à categoria denominada de "Deposição Bucal, Deposição Bucal Seguida de Cuspe ou Ingestão de Esperma como uma Prática Sexual que Não Contrai IST's", evidenciando assim, que parte significativa dos participantes acreditam que o sexo oral correlacionado com algum tipo de "manejo bucal ou digestivo" do esperma não leva ao acometimento por IST's. Já o tipo de representação menos incidente liga-se à categoria doze (12) que, por sua vez, ratifica que "Sexo Anal é Mais Perigoso no Tocante à Contaminação por IST's por isso Evito Somente Essa Prática". Na tabela acima, é possível verificar uma classificação de nossas categorias em doze (12) postos. Diante disso, para melhor compreendê-las, é necessário apresentá-las e explicá-las.

A categoria classificada em primeira posição em termos de incidência foi a denominada de "Deposição, Deposição Seguida com Cuspe ou Ingestão de Esperma na Boca como uma Prática Sexual que Não Contrai IST's". Nessa categoria, englobamos participantes que acreditavam – e comunicavam tal crença – que o sexo oral realizado, seguido da manipulação bucal e/ou

Tabela 1. Classificação das categorias por incidência representacional delas.

Categoria & classificação	Número de prints	Número de diálogos convergentes à categorização interposta
1. Categoria 1 – Deposição Bucal, Deposição Bucal Seguida de Cuspe ou Ingestão de Esperma como uma Prática Sexual que Não Contrai IST's	85	19
2. Categoria 2 – Comportamento de Risco Explícito Correlacionado à Possibilidade de Adquirir IST's	76	17
3. Categoria 3 – Confiabilidade na Sorologia e/ou na Declaração de Outrem no que Tange o Risco de Contaminação por IST's	67	13
4. Categoria 4 - Uso de PrEP* Contra a Possibilidade de ser Acometido por IST's	49	13
5. Categoria 5 – Aparência, Higiene, Apresentação, Beleza Pessoais e Beleza Genital como Mecanismo Gerador de Confiabilidade no que Tange o Acometimento por IST's	19	5
6. Categoria 6 – "Dependendo do Tesão, o Risco Vale a Pena": Comportamento de Risco no que toca o Acometimento por IST's Condicionado pelo Líbido e Vontade Exacerbados do Usuário	20	4
7. Categoria 7 – Parceiras Sexuais com a Status de Relacionamento Sério (Namorando/Noivando/Casados), sejam Heterossexuais ou Homossexuais, São Menos Arriscados em Termos de Contração de uma IST's	15	4
8. Categoria 8 – Possibilidade de Reversão e/ou Mitigação de Acometimentos por IST's	8	3
9. Categoria 9 – Pouca Frequência na Realização de Práticas Sexuais Arriscadas por Parte do Usuário ou de um Possível Parceiro Gera Segurança em Relação às IST's	12	2
10. Categoria 10 – Ejaculação Anal-Interna ou nas Mediações do Ânus não leva ao Acometimento por IST's	10	2
11. Categoria 11 – Sexo Realizado Exclusivamente Com Ativos Diminui o Risco de ser contaminado por uma IST's	4	1
12. Categoria 12 – Sexo Anal é Mais Perigoso no Tocante à Contaminação por IST's por isso Evito Somente Essa Prática	2	1
TOTAL:	367	82

* "Uma das formas de se prevenir do HIV é a PrEP, a Profilaxia Pré-Exposição. Ela consiste na tomada de comprimidos antes da relação sexual, que permitem ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o HIV. A pessoa em PrEP realiza acompanhamento regular de saúde, com testagem para o HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)" (Brasil, 2022, para. 1).
Fonte: Os autores.

ligado à ingestão de esperma é mais seguro no que tange a contaminação por uma IST; ou seja, ao empreender essa prática sexual eles estariam seguros de serem acometidos por uma doença sexualmente transmissível. Isso fica expresso em falas: A) “Eu nunca fiz sem camisinha, agora, na boca eu gosto”; B) “Mas se quiser cuspir, eu posso”; C) “Quero leite na boca”; D) “Leite na boca sim”; E) “Só não engulo”; F) “Até engolir pode ter algo”; G) “Soca o pau na garganta e goza”; H) “Se for limpinho eu engulo para você”; J) ou então, “Sempre cuspo”. Para visualizar de modo mais exemplificativo essa nossa categorização, visualize a sequência de prints abaixo disposta na Figura 1:

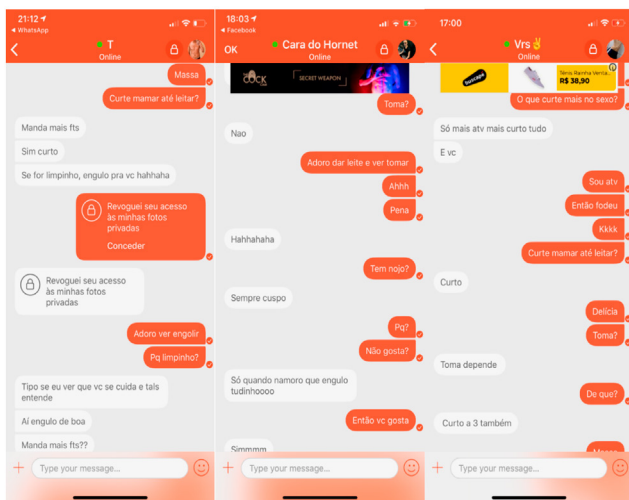


Figura 1. Sequência de prints correlacionada à categorização “Deposição Bucal, Deposição Bucal Seguida de Cuspe ou Ingestão de Esperma como uma Prática Sexual que Não Contrainc IST’s”.

Fonte: Os autores.

A segunda categoria classificada por nós é a denominada de “Comportamento de Risco Explícito Correlacionado à Possibilidade de Adquirir IST’s”. Essa, por sua vez, é a mais alarmante de todas as categorizações. Para além do fato de a mesma ser a segunda tipologia de representação social mais veiculada/assumida pelos participantes, ela coaduna-se com a veiculação de uma perspectiva de prática sexual que admite, explicitamente e sem pudor, o risco de ser acometido por uma IST. Ou

seja, mesmo sabendo das possíveis complicações e perigos, o usuário praticará um ato sexual sem os recursos necessários à preservação de sua saúde e de sua integridade física. Tais representações ficam expressas nas seguintes falas: i) “Você é de boa, não tem nada”; ii) “Será o primeiro, mas pode”; iii) “Curto que leitam dentro”; iv) “#nopelo”; v) “barebaking”; vi) “Está a fim de leitar um cú?”; vii) “Quer barebaking ou não?”; viii) “Se pegar algo, trata ou morre”; ix) ou então, “Curto leitada no ‘cuzim” e na boca?

A terceira categoria que edificamos denomina-se “Confiabilidade na Sorologia e/ou na Declaração de Outrem no que Tange o Risco de Contaminação por IST’s”. As representações sociais circunscritas a ela vinculam-se às percepções comunicadas pelos participantes sobre a confiabilidade gerada – em relação ao acometimento por uma IST – por um possível parceiro que tenha feito o teste para HIV, ou então, ter se declarado com a sorologia negativa para o HIV. Qual o grande problema dessa questão? Dimensionar níveis de confiabilidade e segurança a partir da declaração de um desconhecido. Ora, as comunidades médicas e de saúde brasileiras recomendam, inclusive, a utilização de preservativos entre casais justamente porque não é 100% seguro-confiável a realização de sexo com outra pessoa no que se refere ao acometimento de uma IST – até mesmo em relações mais fixas (Brasil, 2020b). Somado a isso, temos a subversão do fato científico de que o teste do HIV detecta se a pessoa está contaminada ou não; ou seja, não pode ser considerado um método preventivo, mas sim de monitoramento. Tais representações fica explicitas nas seguintes falas: A) “Não tem nada, eu doei sangue” [ratificando que, por isso, é testado com frequência, afinal, doadores de sangue precisam fazer o teste]; B) “Sim, fiz o teste recentemente, também sou cagão”; C) ou ainda, “Faço exames, man”. Na Figura 2, temos a possibilidade de visualizar essas representações sociais sendo veiculadas:

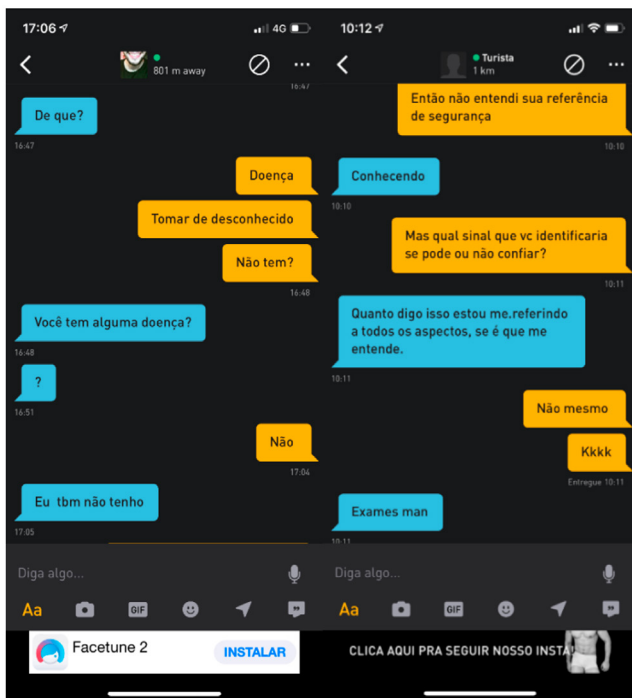


Figura 2. Sequência de prints correlacionada à categorização “Confiabilidade na Sorologia e/ou na Declaração de Outrem no que Tange o Risco de Contaminação por IST’s”.

Fonte: Os autores.

A quarta categoria que edificamos denomina-se “Uso de PrEP Contra a Possibilidade de ser Acometido por IST’s”. A disseminação da PrEP no Brasil, enquanto política pública de saúde, vem se consolidando desde 2010, tal como já tivemos oportunidade de observar. Contudo, esse processo precisa ser acompanhado por ações educacionais sobre os riscos de, junto da utilização deste medicamento, não engendramos outras foram preventivas em IST’s. Se isso não ocorrer, estamos diante da possibilidade de constituirmos mais problemas de saúde pública do que resoluções, afinal, a PrEP não previne, por exemplo, contra a Hepatites Virais, a Sífilis e a Gonorreia, por exemplo. Essa categoria é expressão contundente deste dilema; sintomaticamente, ela se posicionando em quarto lugar junto de nossa classificação categórica (certamente, posição de destaque).

O uso da PrEP é necessário para à construção de uma prática combinado-preventiva em IST’s; ou seja, é um dos métodos empregados para que,

atualmente, a população sexualmente ativa consiga empreender suas práticas sexuais de modo mais seguro frente ao acometimento por IST’s. Nesse sentido, o uso desse medicamento, cientificamente falando, é insuficiente para prevenir as IST’s de modo geral (mesmo prevenindo a mais grave delas, o HIV). Contudo, a questão da confiabilidade, mais uma vez, se interpõe aqui. Inclusive até para a prevenção do HIV a PrEP não é 100% segura.

Como confiar com 100% de certeza que o possível parceiro, em sua declaração, é efetivamente usuário desse medicamento? Ou então, que ele consome corretamente esse medicamento? As representações sociais por nós levantadas conexas a esta categoria podem ser constatadas nas seguintes declarações: I) “Tem remédio para você tomar e não pegar AIDS”; II) “Você está no PrEP? Eu estou”; III) “Eu estou sobre PrEP”; IV) “Tomo PrEP”; V) “Me cuido tomando PrEP”. VI) “Sim, tomando PrEP, inclusive”.

A quinta categoria que construímos é denominada “Aparência, Higiene, Apresentação, Beleza Pessoais e Beleza Genital como Mecanismo Gerador de Confiabilidade no que Tange o Acometimento por IST’s”. Nesse caso, as representações sociais veiculados pelos usuários deixavam claro que eles empreenderiam práticas sexuais arriscadas desde que o possível parceiro fosse bonito, limpo/higiênico, “bem apresentado”, ou então, “detentor de um órgão genital/pênis bonito”. Este tipo de representação social subverte qualquer dado científico no que tange ao acometimento por IST’s, afinal, boa parte dos marcadores que identificam a presença destas doenças no organismo humano não são verificáveis a partir das caracterizações supracitadas. Nesta categoria, nos deparamos com as seguintes afirmações/representações sociais: 1) “Depende da pessoa, se ela não gozar muito e ter o pau bonito”; 2) “Se for limpinho, engulo para você”; 3) “Tipo, se eu ver que se cuida e tal, aí eu engulo para você”; 4) ou então, “Depende da pessoa, se eu ver que a pessoa é boa aí eu tomo”.

A categoria de número seis, intitulada de “Dependendo do Tesão, o Risco Vale a Pena: Comportamento de Risco no que toca o Acometimento por IST's Condicionado pelo Libido e Vontade Exacerbados do Usuário”, reúne um conjunto de representações sociais veiculado por usuários que, diante do nível altíssimo de libido, se colocavam em risco e aceitavam o empreendimento de práticas sexuais arriscadas, ou seja, propícias ao acometimento por alguma IST. Nesta categorização, algumas afirmações que demarcam tal representação social foram interpostas, como por exemplo: a) “Depende do Tesão”; b) “Abaixa a minha cueca e soca, então”; c) “Estou com muito tesão”; d) e, ainda, “Doido de Tesão, doido para gozar gostoso... dependendo do momento”. Nesta categoria há uma dimensão analítico-psicológica que, em uma pesquisa futura realizada em conjunto com pesquisadoras da área de psicologia, poderia ser aprofundada. Afinal, aqui fica clara a necessidade de respondermos seguintes questão de modo correlacionado às análises que interpomos: quais os limites – em termos de determinação da ação, da atitude e do comportamento humanos – um conjunto de conhecimentos e saberes científico-peritos encontram diante da manifestação do desejo sexual humano em expressão amplificada ou hipersexualizada (contexto elementar dos aplicativos estudados)? Para esse momento, não temos repostas constituídas. Contudo, as representações sociais que coletamos diagnosticam o panorama/conjuntura no qual essa inquietação se edifica. A sequência de prints que postaremos a seguir registra, na Figura 3, boa parte dessas problemáticas afirmações:

A sétima categoria que construímos nomeamos de “Parceiras Sexuais com a Status de Relacionamento Sério (Namorando/Noivando/Casados), sejam Heterossexuais ou Homossexuais, são Menos Arriscados em Termos de Contração de uma IST's”. Nesta categorização, os usuários afirmavam que ficariam mais à vontade para

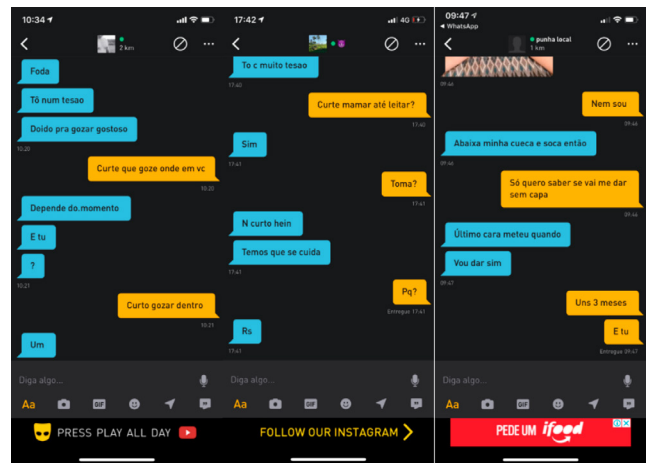


Figura 3. Sequência de prints correlacionada à categorização “Dependendo do Tesão, o Risco Vale a Pena: Comportamento de Risco no que toca o Acometimento por IST's Condicionado pelo Libido e Vontade Exacerbados do Usuário”.

Fonte: Os autores.

realizar práticas sexuais não seguras – em termos de IST's – desde que os possíveis parceiros dessa atividade conservassem um status de relacionamento, heterossexual ou homoafetivo, sério (seja namorando, seja noivando ou casado). É provável que essa percepção representacional dos participantes se liga à ideia de que estes parceiros: 1) possuem poucas/limitadas parcerias sexuais (pouca rotatividade); 2) ou então, por conta de uma constante preocupação com a integridade física do parceiro que está sendo “traído”, são mais cautelosos e cuidadosos com suas respectivas saúdes físico-sexuais¹. Mais uma vez, uma percepção sem nenhum respaldo científico e extremamente deficitária que ficou expressa, enquanto pesquisávamos, nas seguintes afirmações: A) “Não precisa, você é sigiloso”; B) “Prefiro feio sigiloso”; C) “Por ser casado exigente”; D) ou então, “Sou cagão, ainda mais namorando, não posso pegar nada, jamais”.

¹ Aqui, deve-se ficar claro, não estamos fazendo juízo de valor ao empregar o termo traído, qualificando moralmente assim, os atos sexuais interpostos por esses informantes em suas vidas. O que buscamos de fato é identificar alguns dos elementos circunscritos a prática sexuais que, nesse caso, envolve a percepção/ consideração de uma terceira parte.

A partir da categoria oito, denominada de “Possibilidade de Reversão e/ou Mitigação dos Acometimentos por IST's”, passaremos a analisar as categorizações com menor incidência e representatividade amostral quando comparadas as que estudamos até este momento. Apesar da baixa incidência e representatividade, mantivemos a análise delas aqui e os motivos para isso serão justificados em nossas conclusões. Por hora, vemos que os informantes atrelados a esta categoria veicularam representações sociais que diziam sobre a possibilidade de mitigação, ou até mesmo reversão, de estados de saúde comprometidos pelo acometimento por uma IST. Até o momento, sabemos sim que o HIV tem tratamento e garante uma boa qualidade de vida. Contudo, ele é estigmatizador, custoso e difícil. Cura, para essa doença, ainda não existe. A crença nessa possibilidade de reversão e mitigação é problemática, em demasia. Em nossas análises, algumas afirmações iam ao encontro dessa representação deficitária, são elas: i) “Hoje em dia tem remédio para tudo, cara”; ii) “Toma remédio”; iii) e, por fim, “Tem remédios para isso”.

A nona categoria que estipulamos denomina-se “Pouca Frequência na Realização de Práticas Sexuais Arriscadas por Parte do Usuário ou de um Possível Parceiro Gera Segurança em Relação às IST's”. Nos diálogos estabelecidos e caso o informante interpretasse/entendesse que não praticávamos com frequência sexo inseguro, eles ficavam mais confiantes na proposição de práticas sexuais sem preservativos, ou seja, mais promotoras de IST's. Nesse espectro, a ideia que assegura a representação social está afeta ao princípio de rotatividade sexual. Menos rotatividade, mais seguro. Tal representação social ficou explícita nas seguintes falas: a) “Eu não faço muito isso”; b) ou “Só faço de vez em quando”.

A décima categoria constituída por nós denomina-se “Ejaculação Anal-Interna ou nas Mediações do Ânus não leva ao Acometimento por IST's”; ou seja, determinados informantes acreditavam

que a ejaculação anal não era “perigoso” no que tange às IST's. Nesse caso, práticas sexuais sem penetração deveriam ser realizadas até o momento da ejaculação que, ao ocorrer, poderia ser dentro do ânus ou em suas mediações (“na portinha”). Nessa perspectiva, a “fricção” anal é perigosa; o sêmen, seria estéril ou não acometeria por IST's ao ser depositado no interior do ânus ou em suas mediações. Tal representação é extremamente deficitária e afastada dos muitos princípios científicos afetos às IST's (comentados por nós em seção anterior). Esta representação social foi ratificada na forma das seguintes expressões: 1) “Goza bem na entrada”; 2) “Empurra com o pau”; 3) “Deposita só na portinha”; 4) ou então, “Goza na portinha, depois empurra”. De modo geral, essa foi uma representação social pouco frequente.

A categoria de número onze foi denominada de “Sexo Realizado Exclusivamente Com Ativos Diminui o Risco de ser Contaminado por uma IST's”. Aqui, o usuário afirmou que o fato de possível parceiro ser exclusivamente ativo diminui os riscos de ele adquirir uma IST; veja a fala dele: “Como só faço como caras que são exclusivamente ativos, diminui bastante o risco”. Certamente, essa afirmação não possui respaldo científico nenhum se comparado com as análises que realizamos.

Finalmente, a última categorização que elegemos denomina-se de “Sexo Anal é Mais Perigoso no Tocante à Contaminação por IST's”. Neste sentido, o informante acreditava que sexo anal era mais perigoso para a contração de uma IST, ou seja, fazia uma classificação das práticas sexuais quistas como as mais perigosas e as menos perigosas. Nesse diapasão, para fazer sexo sem preservativo, empreendia aquelas “menos perigosas”, excluindo assim, o sexo anal. O problema é que todas as práticas sexuais feitas sem uma preservação combinada pode acometer em alguma IST. Nesse sentido, mesmo tendo aquelas que são mais expositivas, não é interessante à saúde física e sexual dos sujeitos abrir “nichos” ou “brechas” de exposição (ainda mais quando elas não são

completamente seguras). Tal representação concretizou-se na seguinte fala: “Se gozar na minha boca e eu quiser cuspir eu posso, no cú não”.

5. Considerações Finais

Observando nossas análises, verificamos que os resultados dessa pesquisa, amplamente correlacionados à promoção de estratégias educacionais para a saúde, precisam ser dimensionados de modo mais apropriado segundo ao público que ele se dirige. Como vimos, muitos informantes profissionalmente identificados como formados em áreas amplamente correlacionadas às Ciências Médicas e da Saúde veicularam representações sociais acerca das IST's extremamente deficitárias/problemáticas. Nesse sendo, as estratégias em educação sexual suplantadas nessa pesquisa devem se dirigir a quem? Qual segmento deve ser educado sexualmente de acordo com os indicadores aqui interpostos? De modo ambivalente, tantos os grupos formadores (agentes de saúde/educadores, por exemplo), quanto o público geral (mais extensivo/dilatado) precisam ter uma formação acerca da temática circunscrita às doze categorias que arregimentamos.

A diferença é que os agentes formadores/educadores podem, estrategicamente, participar de um diagnóstico situacional com a finalidade de atestar os conhecimentos deles sobre as temáticas aqui elencadas e, caso esse panorama for positivamente/satisfatoriamente atestado, há a possibilidade de uma formação inicial antes do empreendimento de determinadas estratégias educacionais. Caso contrário, se o diagnóstico situacional apresentar alguns déficits, é possível remodelar e pensar em uma formação anterior “ao campo de atuação mais amplo convexo ao público em geral” (ou seja, uma formação anterior otimizada que, inclusive, supra os “gaps”

veiculados pelos resultados do diagnóstico situacional).

Nossa pesquisa, como salientamos e explicamos em nossa metodologia, é demasiadamente exploratória. Essa dimensão, em nossa perspectiva, determina em relação a ela certas potencialidades e determinados limites. Em termos de limites, deve-se ficar claro que:

1. É necessário constituir, em pesquisas futuras correlacionadas aos objetivos e à temática intrínsecos a este relatório, uma metodologia mais eficaz para empreendermos análises que correlacionem diferentes variáveis, como por exemplo, pertencimento profissional, grau instrucional e localização (este último, fundamental para a determinação da abrangência da pesquisa e, conseqüentemente, a possibilidade de comparações regionais e, até mesmo, internacionais).

2. As categorias que edificamos precisam ser sintetizadas: a) seja em suas nomenclaturas que até o momento estão muito extensas; b) seja na possibilidade de junção de algumas delas pois correlacionam-se e termos de classificação (por exemplo, as categorias números sete e nove engendram o predicativo da “baixa rotatividade sexual” como elemento central, nesse sentido, não seria interessante pensar em uma categoria capaz de correlacionar somente este elemento característico?). Neste momento, mantivemos esse “leque” mais amplos de categorias pois, ao serem testados e modo mais afetivo, poderão demonstrar a sua pertinência ou, até mesmo, a necessidade de descartá-las;

3. Um outro limite de nossa pesquisa vincula-se a possibilidade de compreensão de como tais categorias/representações sociais, por vezes tão defasadas/anacrônicas/deficitárias cientificamente, são constituídas. Por exemplo, como um indivíduo passa a acreditar que a ingestão de esperma não pode acometer em alguma IST? Ou então, como

ele crê que o esperma depositado em seu ânus de modo unívoco e direto (sem a fricção anterior) pode protegê-lo da aquisição de uma IST? Quais os processos sociais, culturais, educacionais, sociológicos, econômicos, políticos, morais e religiosos conduzem a essas representações? Certamente, responder tais questões não foi objeto de nossa pesquisa. Aliás, a maioria dos desígnios intrínsecos aos estudos vinculados à teoria das representações sociais com predisposição moscovicina resguarda mais uma perspectiva panorâmico-diagnóstico do que, necessariamente, originário-fundacional (esse é o caso, certamente, desta pesquisa). Diante disso, educadores, sociólogos, antropólogos, cientistas sociais e psicólogos sociais, por exemplo, podem observar tais “gaps”/lacunas e empreender pesquisas correlacionados a tais temas.

Em termos de potencialidades, amplamente correlacionadas à dimensão exploratória dessa pesquisa, devemos destacar que o aperfeiçoamento metodológico circunscrito as especificidades do estudo que aqui edificamos pode conduzir a ratificação de determinadas categorias constituídas, ou então, ao descarte delas. Veja, por quais motivos consideramos categorias que obtiveram, dentro de nossa população, uma incidência – em termos de veiculação de representações sociais deficitários – pouco expressiva (é o que se constata entre as categorias sete e doze).

Por se tratar de uma investigação exploratória, essas categorias poderão servir, minimamente, como hipóteses a serem perseguidas a partir do momento que houver uma metodologia mais solidificada no trato de dados geoprocessados/geolocalizados oriundos de aplicativos anônimos registrados/ capturados na forma de prints. Se trata de uma metodologia mais “justada” e consolidada justamente porque o empreendimento que estamos realizando com esta pesquisa é demasiado inédito, sendo assim, não é um déficit apresentar “entraves metodológicos”. Isso é, sobretudo, parte de um processo em construção. Diante disso,

mantivemos as representações sociais com baixa incidência representacional frente à população desta pesquisa, ratificando positivamente, as dimensões exploratórias correlatas a ela.

Por fim, é importante destacar que, diante dos supracitados limites e potencialidades de nossa pesquisa, emergiu dela alguns resultados, que podem ser lidos na forma de indicadores, correlatos à edificação de estratégias educacionais em saúde sexual mitigadoras de IST's que podem ser consideradas por educadores e/ou agentes de saúde durante o empreendimento de suas atividades formativas, educacionais e/ou de orientação. Certamente, tais indicadores estão demasiadamente coadunados às categorizações que edificamos. Diante disso, e respeitando a classificação que estipulamos, as estratégias educacionais em saúde mais dialógicas com a contemporaneidade correlatas ao combate da disseminação das IST's devem considerar:

1) De modo extremamente enfático, a disseminação de conhecimentos acerca de práticas sexuais vinculadas à oralidade, desmistificando assim, percepções correntes de que as IST's não podem ser adquiridas por meio da (i) deposição bucal de esperma, (ii) deposição bucal de esperma seguida de cuspe ou (iii) da ingestão integral do esperma do parceiro;

2) A veiculação de saberes que mostram que não é possível confiar, na maioria das circunstâncias, na: (i) declaração sorológica de outrem no que tange o risco de contaminação por IST's; (ii) na percepção de que o uso de PrEP é efetivo contra as várias probabilidades de acometimento por IST's; (iii) na aparência, higiene, apresentação, beleza pessoais e beleza genital como mecanismos geradores de confiabilidade no que tange a aquisição de uma IST;

3) A construção de estratégias educacionais que demonstram que: i) parceiras sexuais com a status de relacionamento sério (namorando/noivando/

casados), sejam heterossexuais ou homossexuais, não são menos arriscados em termos de contração de uma IST; ii) as possibilidades de reversão e/ou mitigação de acometimentos por uma IST são extremamente custosas, estigmatizantes e arriscadas em termos de saúde físico-sexual (apesar dos grandes avanços terapêuticos da medicina nessa área); iii) que a pouca frequência na realização de práticas sexuais arriscadas por parte de um possível parceiro não gera segurança em relação à aquisição de uma IST; iv) a ejaculação anal-interna ou nas mediações do ânus pode, com grandes riscos, conduzir ao acometimento por uma IST;

4) A edificação de práticas educacionais que desmistifiquem que: a) o sexo realizado com ativos exclusivos diminui o risco de ser contaminado por uma IST; b) ou então, que o sexo anal é mais perigoso no tocante à contaminação por IST's por isso deve ser evitado.

De modo geral, essas são as nossas considerações finais e as recomendações subjacentes a esta pesquisa. Mesmo diante de alguns limites, conseguimos edificar algumas recomendações/indicadores que podem de modo estratégico promover uma educação para a saúde – em especial à saúde sexual – mais dialógica ao contexto comunicacional, tecnológico e sexual intrínseco à contemporaneidade na qual estamos inseridos. Além disso, podemos dimensionar algumas das potencialidades que podem dar maior fôlego à temática e aos objetivos desta pesquisa em oportunidade futuras.

6. Referências

- Alves-Mazzotti, A. J. (2008). Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. *Revista Múltiplas Leituras*, 1(1), 18–43. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1169/1181>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%2C%20A1lise%20de%20conte%2C%20BAdo.%20Lisboa_%20edi%2C%20A7%2C%20B5es%2C%2070%2C%20225.pdf
- Brasil. (2019a). *O que são IST's*. Disponível em: [https://antigo.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist#:~:text=As%20Infec%2C%20A7%2C%20B5es%20Sexualmente%20Transmiss%2C%20ADveis%20\(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada](https://antigo.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist#:~:text=As%20Infec%2C%20A7%2C%20B5es%20Sexualmente%20Transmiss%2C%20ADveis%20(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada)
- Brasil. (2019b). *Profilaxia Pré-Exposição (PrEP)*. <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-preprofilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>
- Brasil. (2020a). *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*. Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022-isbn-1.pdf/view>
- Brasil. (2020b). *Boletim Epidemiológico: HIV AIDS 2020*. Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2020/boletim-hiv-aids-2020-internet.pdf>
- Brasil. (2022). *PrEP (Profilaxia Pré-Exposição)*. <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>
- Corrêa, L. M. S. B., & Amaro, L. E. S. (2012). Os relacionamentos femininos e as novas formas de interação social digitalizada. *Revista Ártemis*, 14, 196–202. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14302>
- Gaspi, S., Duarte, R. M., & Magalhães Júnior, C. A. O. (2020). O olhar docente acerca das metodologias ativas de aprendizagem: uma análise a partir da teoria das representações sociais. *Revista Vitruvian Cogitationes – RVC*, 1(1), 135–149. <https://doi.org/10.4025/rvc.v1i1.63592>
- Gehrke, M. I. E. (2002). *Rotinas digitais de comunicação pessoal: internet e sociabilidade contemporânea*.

- [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1595>
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (4ª ed., M. B. M. L. Nunes, Trad.). Livros Técnicos e Científicos. <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social* (3ª ed.). Vozes.
- Neves, S. L. (2010). *Hipertexto: um novo espaço de leitura e escrita*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/141402>
- Oliveira, F. O., & Werba, G. C. (2013). Representações Sociais. In M. N. Strey, P. Guareschi, T. M. G. Fonseca, M. G. C. Jacques, S. A. Carlos, & M. G. Bernardes, *Psicologia social contemporânea: livro-texto* (pp. 104–117). Vozes.
- Oxford. (2024). Hashtag. In *Oxford Dictionary*. Recuperado June 19, 2024, de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/oxford>
- Scheunemann, C. M. B., & Lopes, P. T. C. (2018). Análise de um hipertexto digital no ensino de ciências: percepções de alunos do ensino fundamental. *REnCiMa*, 9(5), 14–35. <http://revistapos.cruzeirosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/1654>

